

ARTIVISMOS NA PANDEMIA:

ARTIVISMS IN THE PANDEMIC

JAQUELINE BARBOSA PINTO SILVA¹⁹

RESUMO Em pouco mais de dois anos de pandemia devido à COVID-19, o Brasil teve 665 mil pessoas mortas pela doença. Números e palavras têm sido insuficientes para mobilizar estruturas políticas capazes de mitigar os danos. Mais do que uma crise sanitária, política, econômica, vivemos uma crise humanitária e de representação em todos os sentidos, inclusive simbólica (DIAS, 2020). A pesquisa apresentada neste artigo mostra a linguagem artística como potência para construção de um projeto político minimamente comum em momentos de crise (DAGNINO, 2002; COMITÉ INVÍSIVEL, 2016). A partir de uma perspectiva micropolítica de ativismo, embasada nos modos de como as subjetividades se reproduzem (GUATARRI e ROLNIK, 1986), nas relações apolíticas (ŽIŽEK, 2012), nos modos de pensabilidade das maneiras de fazer (RANCIÉRE, 2005) e no movimento da paragem (LEPECKI, 2020), são descritas alguns artivismos nacionais, isto é, ações artísticas (performáticas, musicais, audiovisuais, visuais e literárias), realizadas desde março de 2020 até maio de 2021, de modo presencial ou virtual, sobre temas políticos e sociais desencadeados pela pandemia que tenham engajado conscientização política (GAMSON, 2011) ou mobilizações sociais e culturais.

Palavras-chave: ativismo; pandemia da COVID-19; micropolítica; mobilização social e cultural.

ABSTRACT In just over two years of a pandemic due to COVID-19, Brazil had 665,000 people killed by the disease. Numbers and words have been insufficient to mobilize political structures capable of mitigating the damage. More than a health, political, economic crisis, we are experiencing a humanitarian and re-

presentation crisis in every sense, including symbolic (DIAS, 2020). The research presented in this article shows the artistic language as a power for the construction of a minimally common political project in moments of crisis (DAGNINO, 2002; COMITÉ INVISIBLE, 2016). From a micropolitical perspective of activism, based on the ways in which subjectivities are reproduced (GUATARRI and ROLNIK, 1986), on apolitical relationships (ŽIŽEK, 2012), on the ways of thinking about ways of doing things (RANCIÉRE, 2005) and on the movement of the stop (LEPECKI, 2020), some national artivisms are described, that is, artistic actions (performatic, musical, audiovisual, visual and literary), carried out from March 2020 to May 2021, in person or virtual, on themes political and social events triggered by the pandemic that have engaged political awareness (GAMSON, 2011) or social and cultural mobilizations.

Keywords: activism; the COVID-19 pandemic; micropolitics; social mobilization.

INTRODUÇÃO

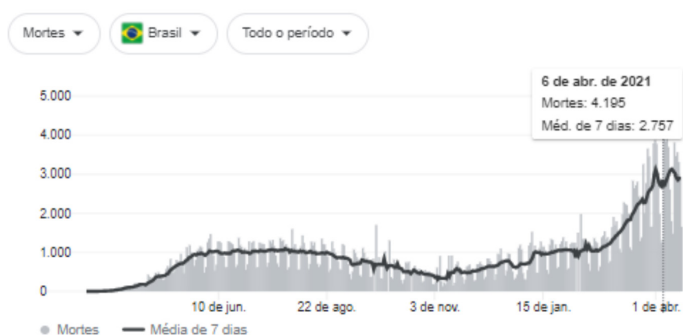
No mês de março de 2020, deflagrada na Quarta-Feira de Cinzas a primeira morte devido à doença do Corona Vírus (COVID-19) no Brasil, iniciou-se e a pesquisa sobre como a sociedade se organizaria para combater as mazelas decorrentes da pandemia, isto é, como os movimentos e coletivos se manifestariam politicamente considerando a imposição do uso de máscaras, distanciamento social, confinamento e todas as outras medidas

¹⁹ Mestre em Ciência Política e doutoranda em Artes Cênicas pela Universidade de Brasília. E-mail: Jaqueline.bps@gmail.com.

de saúde e de segurança recomendadas por organizações mundiais. Ainda, pensando que essa situação não perduraria por mais de um ano, visava-se analisar como essa situação transformaria as ações presenciais e virtuais após a restauração da “normalidade”.

Hoje, maio de 2022, mais de dois anos depois, a pandemia não acabou. Vivemos ciclos de momentos piores e momentos menos ruins, alguns países com a situação mais controlada e outros menos, e o vírus em constante mutação.

No Brasil, há um ano vivemos o pior momento, chegando a mais de 4 mil mortos por dia, pouco antes do primeiro ciclo de vacinação da população adulta:



Número de mortes no Brasil por Covid-19 ²⁰

Naquela época, já havíamos perdido a noção do que isso significava. Mais do que uma crise sanitária, política, econômica, tivemos (e ainda temos) evidentemente uma crise humanitária, apoiada em posicionamentos contrários não apenas ao tratamento, mas à própria existência da doença. Números e palavras, lógica e retórica, foram insuficientes para o debate e o desenvolvimento coletivo de ideias e ações capazes de mobilizar estruturas políticas para mitigar os danos. Vivemos também, portanto, uma crise de representação simbólica (DIAS, 2020).

Confinados, nos vimos impossibilitados de colocar nossos corpos no espaço público em ação, como vínhamos fazendo desde 2008, ano de intensa cri-

se econômica em que as manifestações se intensificaram e tiveram seu ápice em 2013. Quem eram aquelas pessoas todas na rua naquele ano? Por que estavam ali? Não era por vinte centavos de real, era por muito mais. Diversos estudiosos se debruçaram sobre essas questões e até hoje não sabemos muito bem as respostas (TATAGIBA, 2014; COMITÉ INVISÍVEL, 2016).

“Não me representa” foi sem dúvida o cartaz mais levantado, a hashtag mais usada (TATAGIBA, 2014). O governo, a política pública, o chefe, a identificação de público-alvo, a família, a empresa, o grupo de amigos, a rede social: nada representava mais ninguém. Até mesmo porque passamos a desconfiar dos nossos referenciais e da nossa própria linguagem, haja vista *fake news*, dados virtuais hospedados em nuvens controlados por algoritmos e máquinas inteligentes de empresas bilionárias, escândalos de corrupção e fraude, teorias da conspiração, terraplanismo e desastres naturais menosprezados.

Em reação a esse vazio político e simbólico, “ocupa e resiste” foi o repertório mais frequente, mobilizado especialmente por jovens e mobilizados pela internet (ŽIŽEK, 2012; TATAGIBA, 2014; SCHWARTZ-WEINSTEIN, 2016; PALACIOS-VALLADARES, 2018). Eles se organizaram virtualmente de uma forma muito real: colocando o corpo ali, em presença, preenchendo esses espaços com a única materialidade que nos compõe, performando eles mesmos a utopia desejada. Esse repertório foi utilizado em diversos locais, por diferentes atores políticos, em momentos distintos. Típica performance de movimentos rurais para pleitear terras, as ocupações foram urbanizadas e difundidas no mundo todo, até mesmo virtual.

E quais foram os resultados disso? Nenhum, assim os jornais noticiaram. “As insurreições chegaram, não a revolução. [...] Quando muito, saciam por instantes a necessidade de mudar o mundo, quando

²⁰ Fonte: JHU CSSE COVID-19 Data, em 19. Disponibilidade: <https://github.com/CSSEGISandData/COVID-19>. [02/05/2021].

pouco, são massacradas ou apropriadas por fascistas” (COMITÊ INVISÍVEL, 2016, p. 5 e 9). Seguimos sem saber sequer se podemos de fato eleger um candidato, controlar seu mandato, falar e ser ouvido, influenciar decisões públicas, ser livre para viver como queremos. Essa crise nos faz desacreditar não apenas deles, dos governantes, da mídia, da ciência, mas de nós mesmos, de nossas realidades e de nossos sonhos, de nosso mundo, meu e seu.

Para o Comitê Invisível, apesar das facilidades de comunicação, a derrota dos 99%, em contraposição ao 1% que domina o mundo, decorre da ausência de organização, o que significa “agir segundo uma percepção comum, seja a que nível for” (idem, p. 9), ter um “projeto político” (DAGNINO, 2002).

Embora se esperasse que o auge da crise fosse levar a população brasileira a esse projeto político visto que o inimigo não só do país mas do mundo era o mesmo, isso não aconteceu, pelo contrário: as divergências aumentaram ainda mais. O que era óbvio para um lado, para o outro era absurdo, e qualquer tentativa de comunicação era não só inviável como perigosa.

Nesse contexto, investigou-se se outras linguagens que não as verbais pudessem mobilizar a população, tendo como hipótese que a arte pudesse fazê-lo. Afinal, “talvez eles, os artistas, saibam afinal o que é preciso fazer, com a condição de que a performance os tire da sua atitude passiva e os transforme em participantes ativos de um mundo comunitário” (RANCIÈRE, 2010, p. 20).

Apostou-se, assim, na micropolítica, nos modos de como as subjetividades se (re)produzem (GUATARRI e ROLNIK, 1986), ou rede ‘apolítica’ de relações sociais de produção (ŽIŽEK, 2012). Não se trata de como as artes podem ter efeitos a política ou vice-versa, mas de um modo de articulação entre maneiras de fazer, formas visibilidade dessas maneiras de fazer e modos de pensar suas relações (RANCIÈRE, 2005, p. 13).

Em uma análise já em tempos de pandemia, Lepecki constatou:

“[Leda] Martins mencionou como a pandemia criou uma frente unida de sensibilização e consciência política e ética no Brasil, uma cadeia de solidariedade protagonizada por aqueles que haviam sido abandonados pela necrofilia neoliberal do governo federal. Martins nos lembrou que o trabalho do luto por aqueles que morreram, por aqueles que ainda estão morrendo e por aqueles que morrerão é essencial. Mas ela também nos convocou a pensar em todas as outras mortes do planeta, que ocorreram antes, que estão ocorrendo agora e que ocorrerão após o término da pandemia, graças a outro planejamento deliberado do necropoder neoliberal: os assassinatos (pela bala ou pela fome) de pessoas trans, de mulheres, de crianças, de populações indígenas, de refugiados políticos, de refugiados do clima, de espécies inteiras.... Leda Martins, com palavras que evocam as de Tina Campt, nos lembrou que também devemos tomar este momento para escutar todas essas vozes e agir. Nos posicionando na pausa, podemos encontrar o movimento necessário para tal intensificação ética. Podemos estender o movimento de todas essas vidas já mortas e continuar sua luta”. (LEPECKI, 2020).

Este artigo mostra algumas ações artísticas, realizadas durante o primeiro ano de pandemia no Brasil, de modo presencial ou virtual, nacionais, sobre temas políticos ou que tenham engajado conscientização política ou mobilizações de ações coletivas, o que aqui se designa por ativismo.

Gamson (2011) afirma que a consciência política, motivadora do ativismo, embora varie de forma complexa de um assunto para o outro, é formada no entrecruzamento da cognição e da cultura proveniente da mídia, das experiências individuais e coletivas e da sabedoria popular, informações que são organizadas e articuladas por meio da conversação (GAMSON, 2011, p. 18-25). Para além da conversação presencial, a conversação virtual, por meio da internet e das redes sociais, têm tido crescente influência na formação da consciência política, surgindo a

necessidade de investigar, para além dos likes, compartilhamentos e redes, como as pessoas assimilam as informações não textuais: imagens, sons, emojis, memes, expressões virtuais, gírias e outros elementos comunicativos, bem como suas respectivas tonalidades (ironia, crítica, exaltação, piada, humor), cada vez mais explorados no âmbito político (SAMPALIO *et al*, 2019). Esses elementos, contudo, complexificam ainda mais a comunicação, sobretudo num momento de crise e numa magnitude de uma pandemia. Nesse contexto, qual foi a estética capaz de reestabelecer as condições de inteligibilidade do debate (RANCIÈRE, 2005, p. 13)?

Vale notar que hoje, em maio de 2022, em que já estamos três vezes vacinados, sem máscaras e não mais confinados e em ano eleitoral, voltamos a falar de projeto político, com alguma percepção comum. Porém, este artigo foi produzido no auge da crise da pandemia, quando não estávamos conseguindo articular simbolicamente tudo o que estava acontecendo.

As iniciativas apresentadas aqui foram divididas em cinco categorias: performáticas, musicais, audiovisuais, visuais e literárias. Elas foram coletadas na internet, por meio de busca intencional ou recebidas por meio de notícia, que chegou a mim de forma “algoritmicamente aleatória” ou enviada a mim por minha rede de colegas e amigos. Ainda, participei na produção de uma delas. Portanto, vale explicitar o meu lugar de fala: mulher, branca, 35 anos, classe média, servidora pública federal, doutoranda em universidade pública, artista e ativista engajada em coletivos feministas diversos.

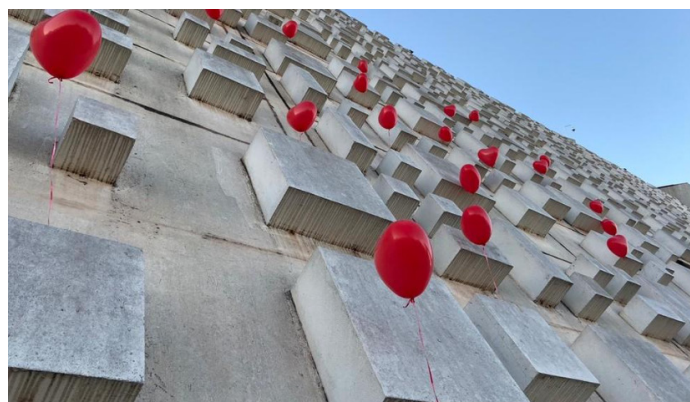
ARTIVISMOS PERFORMÁTICOS

As performances, que normalmente ocorrem em

ruas de grande circulação, foram diretamente afetadas. Devido à necessidade de confinamento, foram deslocadas para as casas dos artistas ou para a internet, e quando ocorriam nas ruas deveriam obedecer a todos os protocolos de segurança, especialmente distanciamento social e máscaras.

Destacam-se aqui três atos: “Quem partiu é o amor de alguém”, “Insuflação de uma morte crônica” e “Retrato sem ruído”.

“Quem partiu é o amor de alguém” foi uma vigília silenciosa por artistas durante quatro semanas consecutivas em junho de 2020 em Brasília para homenagear os cinquenta mil brasileiros mortos pela COVID-19. Os artistas, vestido de branco, caminharam em diferentes pontos da cidade (Rodoviária, Museu Nacional da República, Catedral e Teatro Nacional) com balões vermelhos²¹. Na quarta semana, os povos indígenas foram homenageados com ramos de árvores, chocalhos e músicas típicas.

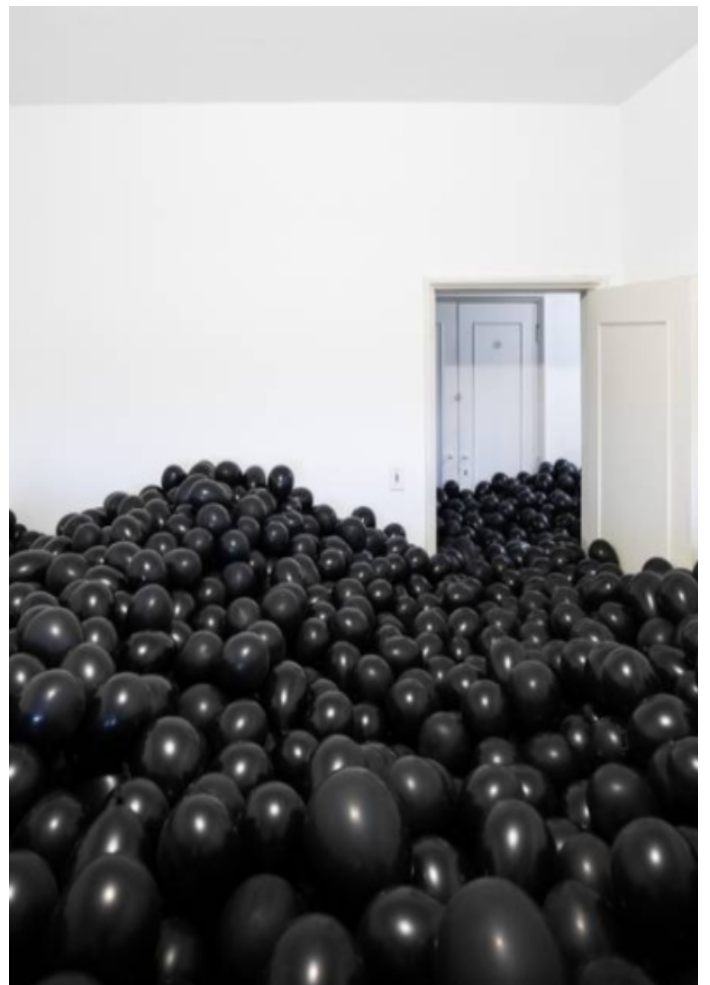
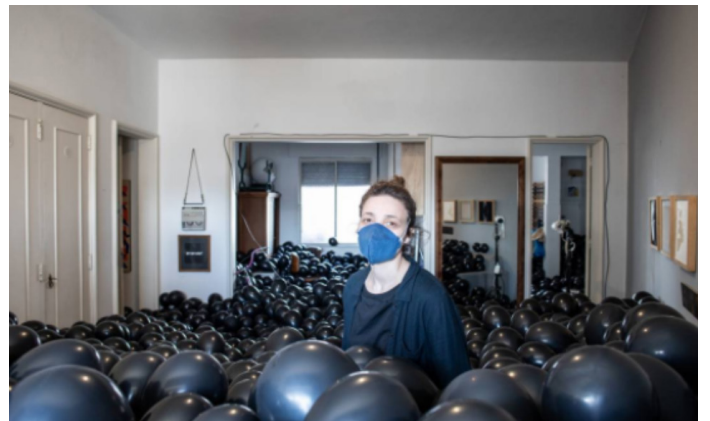


²¹ Todas as imagens referentes a esse ato têm como fonte a matéria disponível em <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2020/06/22/quem-partiu-e-o-amor-de-alguem-artistas-do-df-fazem-homenagem-aos-povos-indigenas-e-lembram-mortes-pela-covid-19.ghtml>. [02/05/2021].



Vale destacar que, de acordo com Matta *et al* (2021), a vulnerabilidade socioeconômica e sanitária dos povos indígenas no Brasil em comparação à população nacional é demonstrada por indicadores socioeconômicos e de saúde desfavoráveis, como a fragilidade das condições de saneamento nas terras indígenas e a carência da infraestrutura em saúde nas regiões do país com maior concentração dessas terras. Mesmo antes da pandemia da COVID-19, as infecções respiratórias agudas já se situavam entre as principais causas de morbidade e mortalidade em populações indígenas no Brasil, o que resultou em altas taxas de internação e letalidade. Isso acrescido das crescentes violências interétnicas e violações de direitos, ameaças e invasões dos seus territórios, fez com que a epidemia afetasse mais da metade dos 305 povos indígenas, com cerca de 800 óbitos e mais de 40 mil casos confirmados (MATTA *et al*, 2021, p. 123-136).

“Insuflação de uma morte crônica” foi uma instalação-performance realizada em agosto de 2020, quando se alcançou a marca de mil mortes no país pela COVID-19. Também materializadas com balões, mas agora pretos, quatro artistas, Bruna Lessa, Cacá Bernardes, Carina Iglecias e Joana Coutinho, encheram mil deles em um apartamento em São Paulo e registraram esse momento.



Naquela altura já era difícil dimensionar, confinados ali no conforto de nossas casas (para quem teve esse privilégio), o que esse número, que imaginávamos inalcançável, significava; já era difícil materializar individualmente o que acontecia coletivamente.

“Retrato sem ruído” consistiu em uma vídeo-performance do Núcleo de Formação da Cia de Dança Antistatus Quo. Na ocasião, dez mulheres performaram, de diferentes cidades do Brasil, o comportamento esperado das mulheres²² na sociedade, inclusive nas videoconferências em plena pandemia: sorrir. O retrato a seguir foi feito nos primeiros minutos da vídeo-performance, da qual participei:



O espetáculo consiste na sustentação desavisada desse ato durante 30 minutos, provocando nos espectadores reações adversas:

“Gostei. Me fez lembrar de uma peça do João Fiadeiro, apresentado no Festival Internacional da Dança em Montreal, que os dançarinos chegavam um a um e se sentavam em uma cadeira. E lá permaneciam em silêncio até o final do trabalho. Não sei se foi década de 1980 ou 1990. Mas imagina o quanto não foi impactante isso naquela época, em que todo mundo queria ver o movimento dançante. Sem se perguntar o quanto de movimento tinha na ação?”

“Não tenho cognição pra esse tipo de apresentação não. Achei um saco. [Dois dias depois:] Passada a raiva, eu faço algumas leituras. Deve ter sido difícil ao

terminar o dia ficar 40 minutos sentada imóvel sorrindo. E é assim que nos querem”.

“Tempo presente. O sorriso cansa, os olhos também, fascismo avança, não sobra ninguém”.

“Fiquei naquela expectativa do que iria acontecer, sempre sinto isso quando se trabalha contenção. Eu bem louca no começo achando que estava travado. Aí notei o movimento da tua cortina e o piscar dos olhos. Aí depois fui percebendo umas expressões cansadas, travadas já e outras mais vivas no sorrir. Eu achava que em algum momento teria uma passagem pra seriedade. Mas, não vi quem foi a primeira. Essa coisa da expressão “congelada”, mas o reflexo do interno é percebido. Acho que o pouco movimento sempre intriga muito. Ou o que parece “parado”, mas que continua EM MOVIMENTO. Parabéns. Não é fácil essa presença”.

“Eu achei bacana! Primeira pensei que não tinha começado, porque estavam todas estáticas. Demorei uns segundos para perceber que estavam ao vivo; legal olhar individualmente, o detalhe de cada lugar. Uma tinha luz avermelhada por perto, sua cortina moveu por conta do vento. Mas, a priori, ninguém parecia respirar rs”

“Dá pra se ver nesse papel... Gostei! Achei cansativo mas me identifiquei. O cansativo era de propósito também?”

“Me deu uma super agonia. Precisei me movimentar depois. Assistir foi difícil. Fazer deve ter sido ainda mais difícil.”

“O que aconteceu durante o tempo em que estava vendo a performance: primeiro, achei que o silêncio seria apenas numa parte, e não em toda a performance. Fiquei esperando que algo diferente acontecesse, e como não acontecia, comecei a ficar im-

²² Antônia Regina Moura, Carolina Carret, Jaqueline Silva, Luciana Lara, Mariângela Andrade, Marcela Brasil, Mônica Bernardes, Rebeca Damian, Renata Studart, Tauana Parreiras

paciente e a dividir o tempo e a atenção com outras atividades. Às vezes pausava e depois retomava. Depois de um tempo, lá pelos 17 minutos mais ou menos, me pareceu enfadonho ficar olhando para a imagem sem nenhum som. Aí comecei a ver a performance tocando músicas em outra janela do YouTube. Ai as imagens de vocês ficaram mais interessante. Joguei sobre suas imagens inertes e caladas projeções e sentidos que vinham das músicas que tocavam. Depois notei que algumas de vocês começaram a expressar um leve cansaço. Depois alguma expressão de tédio e até de dor. Fui mudando as músicas para músicas mais tristes ou melancólicas. Interessante como tentei preencher o vazio, o tédio e a ausência de sentido e de sons, com pausas e depois com sonoplastia de fundo. Depois queria saber como foi a experiência para vocês que estavam ali performando... Bom, eu também acabei performando...”

O processo criativo envolveu a pesquisa sobre o computador e as plataformas e ferramentas da videoconferência, o corpo no ambiente da casa, o estudo da composição imagética que a interação fazia na tela, a elaboração de textos livres e a produção de vídeos sobre a pandemia, o confinamento e a relação com o virtual, tendo como base as diferentes modalidades disso: vídeo-dança, vídeo-retrato, vídeo-arte, vídeo-performance, projeções, mappings e todas as materialidades e nexos causais de sentidos e dramaturgias proporcionados por esse tipo de mídia. Além disso, houve bastante debate sobre trajetórias e experiências pessoais e os fatos sobre gênero no período da pandemia. Segundo Matta *et al* (2021, p. 159-170):

A taxa de desocupação no terceiro trimestre de 2020 foi maior de mulheres (16,8%) em relação a homens (12,8%) (IBGE-Pnad Contínua, 2020);

- Mulheres estão mais presentes nos setores mais afetados economicamente pela pandemia (Rede de Pesquisa Solidária, 2020);

- O valor da contribuição dada pelas mulheres na economia do cuidado representa entre 10% e 39%

do produto interno bruto (PIB) médio dos países (ONU Mulheres (2017);

- Durante a pandemia, 50% das brasileiras passaram a se responsabilizar pelos cuidados de crianças, idosos e pessoas com deficiências (Gênero e Número, 2020a);

- Muitas tiveram que deixar seus empregos e, devido à disparidade salarial, os casais tendem a priorizar o emprego dos homens (Gênero e Número, 2020a); As agentes comunitárias de saúde (ACSs), que exercem um trabalho de extrema importância na atenção primária, são em maioria mulheres; mas no Brasil, como as ACSs não são consideradas profissionais da saúde, estima-se que apenas 9% tenham recebido equipamento de proteção individual (EPI) e treinamento para controle da doença (Lotta *et al.*, 2020a);

- Embora a letalidade da COVID-19 entre homens assuma posição de destaque no mundo (Global Health, 2020), a despeito de buscas por razões fisiológicas que eventualmente expliquem essa vulnerabilidade, observa-se internacionalmente a resistência de homens a compartilhar cuidados importantes, como higiene das mãos ou uso de máscaras, como estratégias de prevenção (Ruxton & Burrell, 2020), o que é permeado por concepções sobre masculinidade e sobre como os homens devem agir no espaço público (Alcadipani *et al.*, 2020) e reforçado pela desqualificação da pandemia por líderes políticos como os governantes brasileiro e estadunidense, por exemplo, bem como a convocação para que “enfrentem o vírus como homens, e não como moleques” (Ferraz, 2020);

- O número de denúncias de violência contra as mulheres no espaço doméstico aumentou, tendo os homens como autores principais (Marques *et al.*, 2020); e

- A letalidade de gestantes e puérperas (12,5%) devido à COVID-19 aumentou, tendo morrido 124 mulheres no Brasil, o que representa 77% dos óbitos maternos pela mesma razão em todo o mundo (Takemoto *et al.*, 2020).

ARTIVISMOS MUSICAIS

Essa foi uma das expressões artísticas que proporcionaram maior interatividade durante a pandemia. Músicos de diferentes estilos realizaram diversas apresentações, normalmente em suas próprias ca-

sas, transmitidas virtualmente (*lives*) com a divulgação de possibilidades de doações para diferentes grupos vulneráveis. De acordo com a Associação Brasileira de captadores de Recursos, foram doados mais de 6 bilhões de reais de março de 2020 a março de 2021²³:

	Mês	Doações Totais	Varição Mensal das Doações	Média Diária	Doadores (em milhares)	Varição
2020	Março	R\$ 450.000.000,00				
	Abril	R\$ 3.700.000.000,00	R\$ 3.250.000.000,00	R\$ 108.333.333,33	154	
	Maió	R\$ 5.505.000.000,00	R\$ 1.805.000.000,00	R\$ 58.225.806,45	343	189
	Junho	R\$ 5.773.000.000,00	R\$ 268.000.000,00	R\$ 8.933.333,33	424	81
	Julho	R\$ 6.033.000.000,00	R\$ 260.000.000,00	R\$ 8.387.096,77	461	37
	Agosto	R\$ 6.306.000.000,00	R\$ 273.000.000,00	R\$ 8.806.451,61	495	34
	Setembro	R\$ 6.340.000.000,00	R\$ 34.000.000,00	R\$ 1.133.333,33	532	37
	Outubro	R\$ 6.474.000.000,00	R\$ 134.000.000,00	R\$ 4.322.580,65	543	11
	Novembro	R\$ 6.483.000.000,00	R\$ 9.000.000,00	R\$ 300.000,00	549	6
	Dezembro	R\$ 6.538.000.000,00	R\$ 55.000.000,00	R\$ 1.774.193,55	554	5
2021	Janeiro	R\$ 6.561.000.000,00	R\$ 23.000.000,00	R\$ 741.935,48	574	20
	Fevereiro	R\$ 6.580.000.000,00	R\$ 19.000.000,00	R\$ 633.333,33	579	5
	Março	R\$ 6.728.000.000,00	R\$ 148.000.000,00	R\$ 4.774.193,55	612	33

Além disso, foram feitas e viralizadas bastantes composições, seja para sensibilizar quanto ao perigo do vírus e incentivar o confinamento, o uso de máscaras e a vacina, seja para proporcionar entretenimento em um momento difícil e estimular a interação social nas redes.

Como exemplo da primeira categoria, destacam-se três compositores: MC Rayban, MV Bill, Chico César e MC Fioti.

MC Rayban, que já foi MC Jésinho e MC Jel, camelô na rua Uruguaiana na cidade do Rio de Janeiro, fez o funk “Bactéria #FDP”, gravado por um passante, e viralizou nas redes sociais, logo no início da pandemia, em março de 2020, com milhares de visualizações e remixes em outros ritmos (samba, pagode, voz e violão). Sem conseguir o auxílio emergencial, o MC assinou um contrato com o selo musical Blast, parceiro da Sony Music, segundo a Folha de São Paulo²⁴. Posteriormente, a música ainda ganhou uma segunda versão com o Comitê SOS Providência, em

combate à desinformação sobre a COVID-19.

O rapper MV Bill compôs e gravou clipe das músicas Quarentena e Isolamento. Ambas reforçam as recomendações da Organização Mundial de Saúde e dos especialistas, uso de máscara, distanciamento social no transporte público, entre outros. Ainda, ambas falam sobre as precariedades da população da favela, falando sobre a impossibilidade de confinamento e pedindo por pagamentos emergenciais pelo governo.

Chico César fez as músicas Nada, para que as pessoas ficassem em casa; Pico, em prol da vacina; e Inumeráveis, a partir de poema de Bráulio Bessa em homenagem aos mortos da COVID-19.

Por fim, o MC Fioti lançou o clipe do funk “Vacina Butantan”, em homenagem ao Instituto Butantan²⁵, pelo desenvolvimento em parceria com o laboratório chinês Sinovac, da vacina contra a COVID-19, a CoronaVac. O clipe foi gravado na sede da institui-

²³ Disponibilidade: <https://captadores.org.br/2021/03/31/doacoes-voltam-a-crescer-no-brasil-em-marco/> [02/05/2021].

²⁴ Disponibilidade: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/04/conheca-mc-rayban-que-transformou-bacteriada-em-grito-de-guerra-conta-coronavirus.shtml>. [02/05/2021].

ção brasileira em janeiro de 2020, com os cientistas e funcionários do Instituto e incentiva a comunidade a vacinar. A música foi uma paródia do funk “Bum bum tam tam”, primeiro clipe brasileiro a superar um bilhão de visualizações no Youtube, em 2018, que utiliza frase musical de Bach.

Como exemplos da segunda categoria, citam-se as artistas Teresa Cristina e Mônica Salmaso. Teresa Cristina começou a fazer lives diárias, gratuitas, em sua página no Instagram, logo a partir de março de 2020. Com um enorme repertório da música brasileira, cada dia homenageava, cantando sem acompanhamento de outros instrumentos musicais um

músico diferente ou um tema da história da música brasileira. Ainda, recebia e compartilhava a tela com diversos outros convidados por ela ou pelo próprio público, que marcava com @ a pessoa interessada nos comentários. Participaram de suas lives artistas como Alcione, Gal Costa, Daniela Mercury, Marisa Monte, Bebel Gilberto, Chico Buarque, Gilberto Gil, Caetano Veloso, entre outros músicos, atores e personalidades, como o ex-presidente da república Lula. Também participaram diversos outros artistas não tão conhecidos e que inclusive ficaram famosos após aparecerem em suas lives, com milhares de visualizações todas as noites.



Além da interação entre artistas e entre esses e o público, o público interagia entre si, fazendo amizades e paquerando. Os mais frequentes e devotos se au-

²⁵ Principal produtor de imunobiológicos do Brasil, responsável por grande porcentagem da produção de soros hiperimunes e grande volume da produção nacional de antígenos vacinais, que compõem as vacinas utilizadas no PNI (Programa Nacional de Imunizações) do Ministério da Saúde. As atividades de desenvolvimento tecnológico na produção de insumos para a saúde estão associadas, basicamente, à produção de vacinas, soros e biofármacos para uso humano. Disponibilidade: <https://www.butantan.gov.br/institucional/o-instituto>. [03/05/2021].

todenominaram “Cristiners” e chamaram o evento de “Cristinder”, Teresa Cristina virou fenômeno na internet, de compartilhamento de cultura e promoção de entretenimento, além de trazer debates principalmente sobre o racismo e sobre a cultura afro-descendente.

Durante todo o período da pandemia, também fez as “Jovens Lives de Domingo”, com cantando as músicas da Jovem Guarda com sua mãe, que teve como sonho não realizado ser cantora.

Em outubro de 2020, ela teve suas lives invadidas e derrubadas e solicitou apoio da plataforma para evitar a situação, que foi resolvido no mesmo mês.

Com menor projeção mas não menos importante, Mônica Salmasso lançou o projeto “Ô de casas – Álbum dos encontros quentinhos de des-isolamento responsável” em maio de 2020, gravando vídeos com um ou vários artistas convidados, o que virou uma tendência entre os músicos a partir de então, como possibilidade de interação entre músicos e divulgação dos trabalhos. O projeto já conta com 150 vídeos, tendo participado mais de 200 musicistas e compositores brasileiros e internacionais.

ARTIVISMOS AUDIOVISUAIS

Com o fechamento dos cinemas, os artistas passaram a procurar outros mecanismos de transmissão de seus trabalhos, como festivais de transmissão online e cinemas abertos, flutuantes ou drive-in. No Brasil, destacam-se duas produções sobre o tema da COVID-19: o curta metragem “Assintomáticos” e o longa metragem “Doutor Hipóteses, uma alma perdida na pandemia”.

No curta “Assintomáticos”, gravado em Brasília e lançado em janeiro de 2021, Kátia Kamargo é uma influenciadora tentando gravar o episódio piloto do programa Assintomáticos, com dicas de turismo na pandemia para quem tem alta imunidade não perder a baixa temporada. Com direção, produção e



câmera de Santiago Dellape e roteiro dele e de Davi Mattos, a obra tem em seu elenco apenas três atores: Cibele Amaral, André Deca e Hugo Rodas.

A obra é uma sátira sobre o comportamento de parte da população que não só ignora como aproveita a pandemia, contribuindo para o aumento da contaminação.



No longa “Doutor Hipóteses, uma alma perdida na pandemia”, gravado em maio de 2020, o ator e diretor Vicentini Gomez interpreta as divagações de Doutor Hipóteses, que, sufocado pelo enclausuramento inventa uma clínica com bonecos, onde começa a relacionar-se com eles. O elenco é formado também pelas vozes dos atores que interpretaram os 27 bonecos: Gésio Amadeu, Vanessa Goulart, Kiko Pissolato, Miriam Palma, Rodrigo Dorado, Calixto de Inhamuns, Ednaldo Freire, Maximiliana Reis, Marcelo Galdino, Carla Masumoto, João D; Olyveira, Claudemir Santana, Cid Pimentel, Veridiana Carvalho, Dan Rosseto, Pedro Paulo Vicentini, Matheus Cirilo e Giulia Maia. A equipe de produção e direção é formada por: Vicentini Gomez, Pedro Paulo Vicentini, Diaulas Ullysses, Hugo Caserta, Michel Vicentine, Claudemir Santana, Rogério Leite e Noelle Nataly.

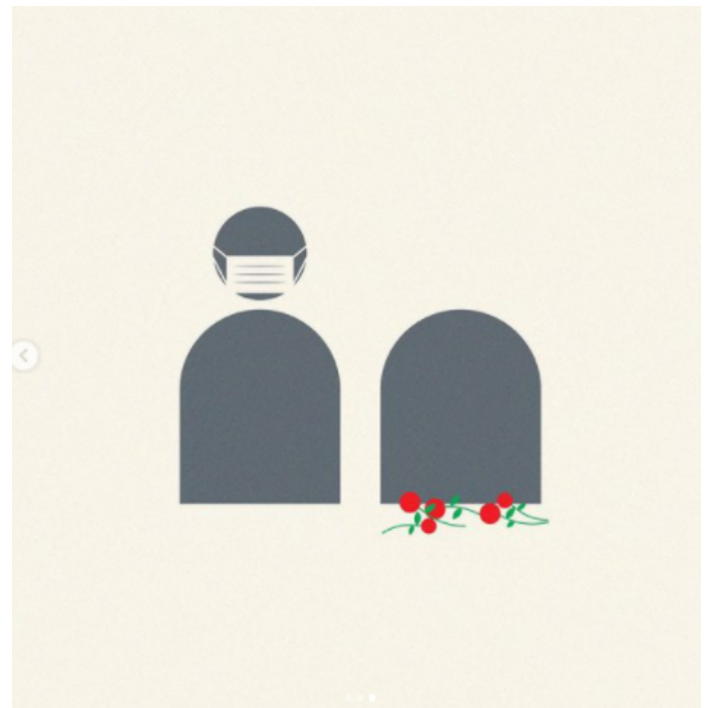
ARTIVISMOS VISUAIS

Essa expressão artística, pela facilidade de produção individual em isolamento e transmissão pela internet, foi definitivamente a mais frequente.

Seu uso, contudo, sobretudo a do design ativista, muitas vezes se confunde com a propaganda política, definida como a utilização de técnicas de informação e comunicação para influenciar a opinião pública. (DOMENACH, 1963, p. 14), dificultando em parte a classificação da produção como artística ou não. A difusão da utilização de imagens nas redes sociais e na internet, para além de fotografias, incluindo memes, figurinhas, emojis, gifs, vídeos entre outros, parecem fundir ainda mais esses conceitos.

Não obstante esse debate, que pode ser aprofundado em estudos futuros, destacam-se aqui um designer, um ilustrador e dois projetos projeto de projeção.

O designer Raphael Nascimento, conhecido como Rapha Baggas. Graduado em Desing Gráfico pela Universidade Federal da Bahia e mestrando em Desing na Universidade de Brasília, suas produções refletem quase que em tempo real o noticiário brasileiro. Abaixo alguns exemplos postados em sua página no Instagram:



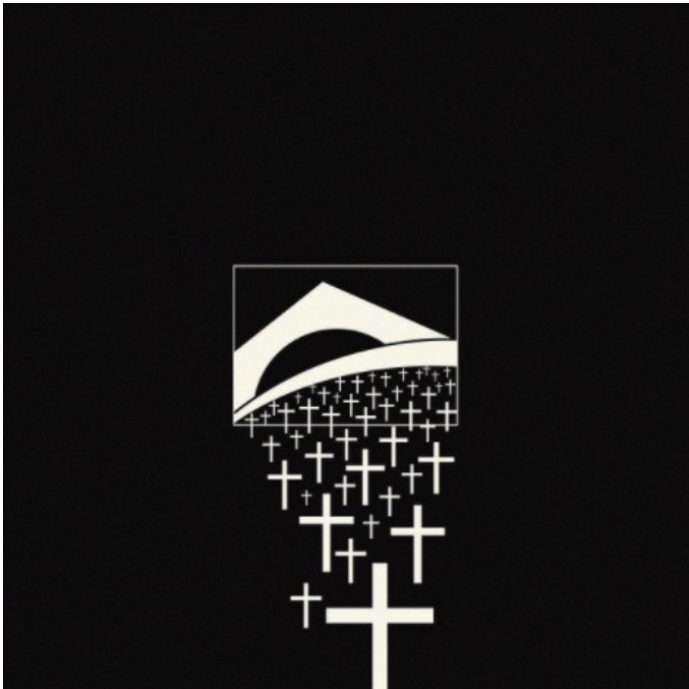
“Acredite na ciência”. Postado em 04/04/2021.



“Não existe tratamento precoce. Lave as mãos”. Postado em 06/04/2021.



“BR Code. 400.000 sonhos”. Postado em 29/04/2021. Referência aos 400.000 mortos pela COVID-19 no Brasil.



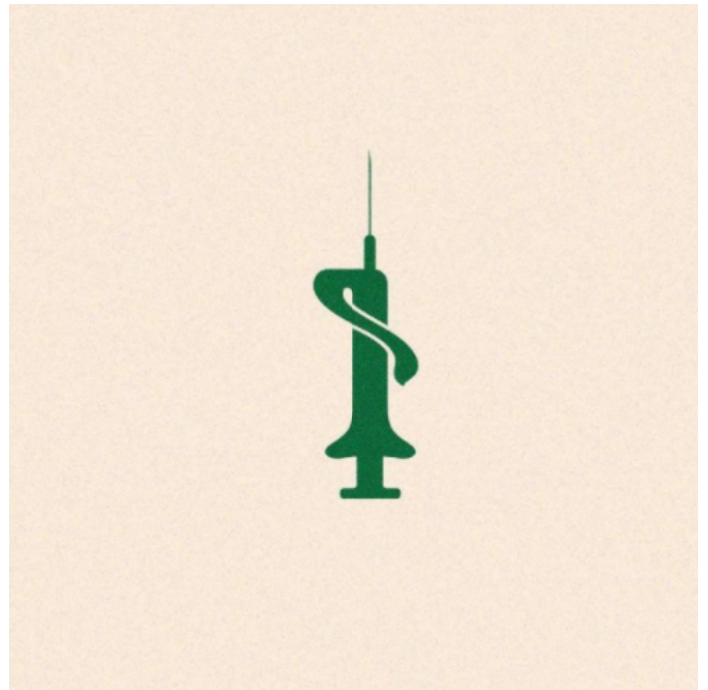
“300.000 sonhos”. Postado em 24/03/2021. Referência aos 300.000 mortos pela COVID-19 no Brasil.



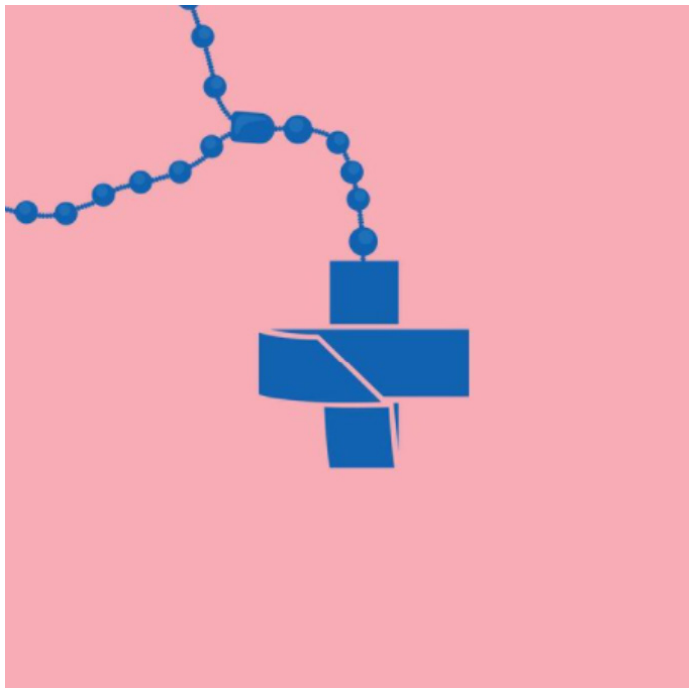
“Lockdown”. Postado em 22/02/2021.



“Valas”. Postado em 17/03/2021.



“Contra tudo e contra todos: Butanvac”. Postado em 26/03/2021. Referência ao desenvolvimento da vacina contra COVID-19 pelo Instituto Butantan.



“Viva o SUS”. Postado em 17/01/2021.



“Um psicopata e seus asseclas”. Postado em 05/03/2021. Referência à declaração do Presidente da República Jair Bolsonaro “Chega de frescura, de mimimi. Vão ficar chorando até quando?”, sobre a COVID-19, no dia 03 mar 2021.²⁶

²⁶ Disponibilidade: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56287135> [02/05/2021].



“Cagaço”. Postado em 14/04/2021. Referência à instauração de Comissão Parlamentar de Inquérito no dia 13/04/2021 na Câmara

ra dos Deputados e no dia 27/04/2021 no Senado Federal para investigar omissões e irregularidades nos gastos do governo federal durante a pandemia da COVID-19.

O ilustrador Leandro Assis e a roteirista Triscila Oliveira fizeram a série de quadrinhos “Confinada”, publicada em sua página do Instagram de abril de 2020 a abril e 2021. A série de mostrou as reflexões de Ju, uma empregada doméstica, durante a pandemia.

Ressalta-se que, segundo Matta *et al* (2021), o Brasil é um dos países com maior número de trabalhadores domésticos no mundo, com aproximadamente 7 milhões, dos quais a maioria são mulheres negras. Os quadrinhos refletem os processos de vulnerabilização das trabalhadoras domésticas na “cruel escolha” entre continuar trabalhando, se expondo ao vírus nas casas alheias, nas quais normalmente residiam pessoas que podia se manter confinadas, ou parar de trabalhar e perder sua renda. Vale lembrar que o primeiro óbito pela COVID-19 registrado no

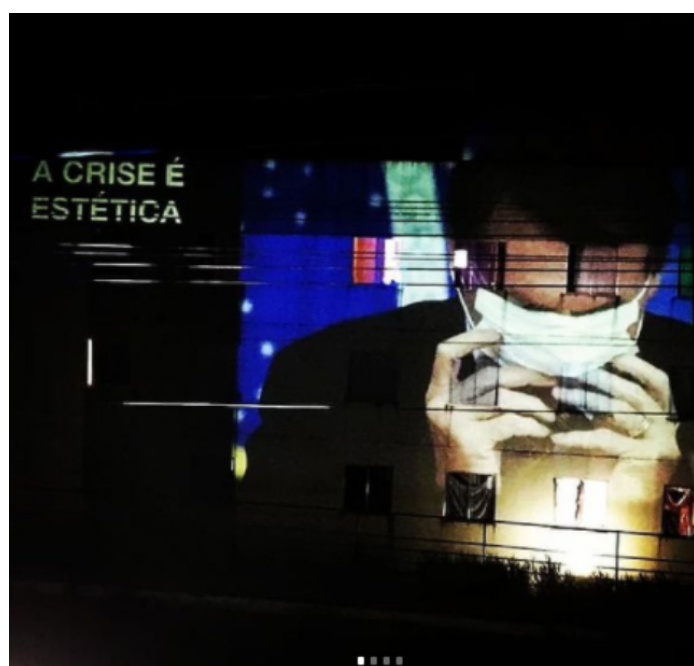


país foi o de uma trabalhadora doméstica no Rio de Janeiro.

Matta *et al* (2021) também destacaram que as mulheres negras têm sido as mais afetadas pela pandemia, em contraposição aos homens brancos, com os menores índices. As mulheres negras são as que mais demonstram medo de contaminação (84,2% contra 69,7% para os homens brancos) e sensação de despreparo para lidar com a crise (58,7% em comparação com 33,5%, dos homens brancos) e declaram

ter sofrido mais assédio moral durante a pandemia. Também são menos testadas (26%) e têm menos suporte de supervisores (54% contra 69%).

Por fim, como expressão visual, destacamos as projeções de imagem em prédios nos centros urbanos. “Projetemos” é o nome da rede nacional de projecionistas livres, que tem divulgado as projeções realizadas em todo país desde 19 de março de 2020 em sua página do Instagram. Aqui, apenas alguns exemplos:





Outro programa de destaque quanto a projeções foi o “#Quarentaprojetada”, publicado em 6 de julho de 2020, como iniciativa da Mídia NINJA e do Instituto Moreira Salles, que por meio de convocatória aberta projetaram em cinco capitais brasileiras fotografias, vídeos, poesias e design feitas durante o período de confinamento.

ARTIVISMOS LITERÁRIOS

Por fim, como expressão dos ativismos literários, destacaram-se os projetos “Todos os nossos mortos”, e “Inumeráveis” e o “Memorial AVARC”, que visaram guardar a memórias dos falecidos pela COVID-19, e “Constatações da quarentena”, que reuniu poemas produzidos durante a quarentena.

“Todos os nossos mortos” reúne as histórias de vidas dos mortos pela COVID-19 no Distrito Federal. A iniciativa é de Ana Karolline Rodrigues e Isadora Teixeira. “Inumeráveis” é um memorial com pequenas frases dos mortos pela COVID-19 em todo Brasil, uma obra do artista Edson Pavoni em colaboração com Rogério Oliveira, Rogério Zé, Alana Rizzo, Guilherme Bullejos, Gabriela Veiga, Giovana Madalosso, Rayane Urani, Jonathan Querubina e os jornalistas e voluntários que continuamente adicionam histórias. Por fim, o “Memorial AVARC” é parte do projeto de Acolhimento de vítimas, Análise e Resolução de Conflitos do Ministério Público do Estado de São Paulo e coleciona condolências às vítimas da COVID-19 de todo o país e depoimentos de qualquer pessoa que queira compartilhar sua experiência no enfrentamento da pandemia. Os depoimentos com-



porão uma cápsula do tempo, que ficarão lacrados por 100 anos. Em janeiro de 2021 também foi instalado o monumento “Memorial” instalado no Parque do Carmo, Zona Leste da cidade de São Paulo, com vistas à criação de um espaço de convívio compartilhado do luto e de esperança, pertencente às presentes e futuras gerações.

Já o projeto “Constatações da Quarentena”, de Isabelle Borges, Julia Estrela Maria e Ana Pimentel, divulga poemas produzidos durante a pandemia, em português, e se define como movimento criado para estimular a escrita cotidiana e guardar a memória coletiva da pandemia.

“

Saudade dos abraços mal dados

LIDICE MARIA
26/03/20
RIO DE JANEIRO



”

“

COnVIDa a negociar com o tempo
COnVIDa a organizar memórias
COnVIDa a escrever histórias

NAJLA CRISTINA EL.GHOZ BORN
11/04/20
CURITIBA



”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um país desgovernado pelas informações falsas e pelo posicionamento federal destoante das organizações mundiais políticas e científicas, a arte foi uma possibilidade de mobilização micropolítica, na medida em que viabilizou a reconfiguração e o reenquadramento de experiências traumáticas individuais e coletivas, estabeleceu zonas de cura, de conforto e paradoxalmente também de desconforto, isto é, “onde o sentido se move” (FABIÃO, 2008, p. 239 *apud* FISCHER, 2017, p. 8), estabelecendo “reconexões, que implicam uma reconsideração acerca das relações entre os habitantes” (CABALLERO, 2016, p. 113).

Durante esse período, os artivismos tiveram a função de informar, de sensibilizar, de provocar reflexões e debates, de divertir e tornar menos doloroso e penoso esse processo, de arrecadar doações e ajudar coletivamente, de mobilizar corpos, corações e mentes apesar do confinamento, de ventilar e providenciar um pouco de ar fresco nesse momento de sufocamento.

Teatros, museus, cinemas fechados e ruas vazias se mostraram mais do que espaços de estar e de representar, mas locais de interações e relações. Mais do que um lugar ou uma coisa, algo com vida própria. A internet não substituiu nada disso, apenas se mostrou como mais uma possibilidade, e também não apenas de transmissão ou de comunicação, mas de intervenção na realidade, com dinâmicas bem distintas a depender das ferramentas, da forma de utilização e dos usuários. Como afirma o Comitê Invisível (2016, p. 36-37): “aí reside o acontecimento: [...] nos encontros que efetivamente se produziram ali”. Neste artigo foram selecionadas ações que abordaram explicitamente a COVID-19, porém não há como desconsiderar esse contexto das demais iniciativas artísticas que não abordaram explicitamente esse tema. A pandemia compõe materialmente tudo o que foi produzido, lido e construído política e esteticamente, de forma colaborativa entre artistas e público, ainda que não intencional (CABALLERO, 2016, p. 54). Vale ressaltar também que, embora divididas

aqui em cinco formas de expressão, em muitos momentos esses modos se confundiam e se alimentavam.

Outra constatação dos artivismos trazidos foi o fato de que abordavam questões de populações vulneráveis: mulheres, negros, indígenas, idosos, pobres. Não obstante, essas questões também se interseccionavam entre si e com questões atinentes a outros marcadores políticos, sociais, ambientais, econômicos locais e nacionais.

Como agenda de pesquisa, impende citar a necessidade de aprofundamento sobre as relações entre ativismo e propaganda política, sobretudo em período eleitoral.

REFERÊNCIAS

CABALLERO, Ileana Diéguez. Articulações liminares/metáforas teóricas. *Cenários liminares: Teatralidades, performances e políticas*. Uberlândia, EDUFU, p. 35-55, 2016. Disponibilidade: https://www.academia.edu/32142824/Cenarios_liminares_teatralidade_performance_e_politica. [02/12/2020].

COMITÊ INVISÍVEL. *Aos nossos amigos – crise e insurreiçã*. São Paulo: n-1 edições, 2016.

DAGNINO, Evelina. *Sociedade civil, espaços públicos e construção democrática no Brasil: limites e possibilidades*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

DIAS, Luciana da Costa. Crise da Representação, Virada Performativa e Presença: possibilidades rumo a uma Filosofia-Performance. *Revista Brasileira de Estudos da Presença*, Porto Alegre, RS, v. 10, n. 1, p. 01-20, fev. 2020. ISSN 2237-2660. Disponibilidade: <https://seer.ufrgs.br/presenca/article/view/92575>. [05/12/2020].

DOMENACH, J. M. *A propaganda política*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1963.

FISCHER, Stela Regina. *Mulheres, performance e ativismo: a resignificação dos discursos feministas na cena latino-americana*. 2017. Doutorado em Pedagogia do Teatro [Tese]. Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2017. Doi:10.11606/T.27.2017.tde-01062017-093806. [21/05/2010].

GAMSON, William A. *Falando de política*. Coleção Comunicação e Mobilização Social. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2011.

GONÇALVES, Fernando do Nascimento. *Arte, ativismo e tecnologias de comunicação nas práticas políticas contemporâneas*. Contemporânea, ed. 20, vol. 10, n. 2, 2012, p. 178-193. Disponibilidade: http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_20/contemporanea_n20_12_GONCALVES.pdf. Acesso em 30. Jun. 2020.

GUATTARI, F. & ROLNIK, S. *Micropolítica. Cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

LEPECKI, André. *Movimento na pausa*. Trad. Ana Luiza Braga. Texto nº 147. Pandemia Crítica. Disponibilidade: <https://www.n-1edicoes.org/textos/147>. Acesso em fev. 2021.

MATTA, G.C., REGO, S., SOUTO, E.P., and SEGATA, J., eds. *Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia* [online]. Rio de Janeiro: Observatório Covid 19; Editora FIOCRUZ, 2021, 221 p. Informação para ação na Covid-19 series. ISBN: 978-65-5708-032-0. <https://doi.org/10.7476/9786557080320>.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino. *Movimentos sociais como acontecimentos: linguagem e espaço público*. Lua Nova, n. 72, p. 115-142, 2007.

PALACIOS-VALLADARES, Indira. Protest communities and activist enthusiasm: student occupations in contemporary Argentina, Chile and Uruguay. In: *Interface: a journal for and about social movements*, v. 8, n. 2, 2016.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: Ed. 34, 2005.

_____. *O Espectador emancipado*. 1ª ed. Portuguesa. Lisboa: Orfeu Negro, 2010.

SAMPAIO, Rafael Cardoso; BOZZA, Gabriel Alexandre; ALISON, Murilo Brum; MARIOTO, Djiovanni Jonas França; SILVA, Tiago Philippini Ferreira Borges da. Os bastidores da eleição: o uso dos stories do Instagram pelos candidatos à Presidência da República. *Compolitica*, Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Mídia e Eleições do VIII Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política. Brasília, 2019. Disponibilidade: http://ctpol.unb.br/wp-content/uploads/2019/04/gt2_Sampaio_et_al.pdf [25/11/2019].

SCHWARTZ-WEINSTEIN, Zach. Not Your Academy: Occupation and the Futures of Student Struggles. Nova Iorque: Columbia University Academic Commons, 2013. Disponibilidade: <https://academiccommons.columbia.edu/catalog/ac:166390>. DOI: 10.7916/D8SQ99K5 [31/05/2018].

TATAGIBA, Luciana. 1984, 1992 e 2013. Sobre ciclos de protestos e democracia no Brasil. *Política e Sociedade*, vol. 13, n. 28, p. 35-62, 2014.

TILLY, Charles. Movimentos sociais como política. *Revista Brasileira de Ciência Política*, nº 3. Brasília, janeiro-julho de 2010, p. 133-160.

ŽIŽEK, Slavoj. O violento silêncio de um novo começo. Trad. Fernando Marellino e Chrysantho Sholl. In: Vários autores. *Occupy: movimentos de protestos que tomaram as ruas*. São Paulo: Boitempo. Carta Maior, 2012.